

Resgatando Nossa História (I)

Diocese do Recife: 30 Anos

I – ANTECEDENTES: OS INGLESES

Descontando as breves presenças francesas e holandesas no Brasil Colônia, o Protestantismo de Imigração deitará raízes no período do Brasil Monárquico, primeiro os ingleses, e, logo a seguir, os alemães. Estes, mais numerosos, vinham para ficar, e eram, em sua grande maioria agricultores, fixando-se em zonas rurais do sul e do sudeste. O pioneirismo inglês seria urbano, costeiro, voltado para a indústria e o serviço, quando a hegemonia do Reino Unido nos campos da economia e da tecnologia (as artes, literatura e filosofia eram de matriz francesas) se mantém no Brasil desde o Tratado de Comércio e Navegação, de 1810 (com a vinda da família real para o Brasil fomos elevado ao status de Reino Unido de Portugal e Algarves) até o pós-Segunda Guerra Mundial, quando, com a bi-polaridade das superpotências e a “*guerra fria*”, os Estados Unidos da América começa a substituir as influências inglesa e francesa. Vale lembrar que durante o século XIX, a “*Era Vitoriana*”, a Grã-Bretanha chegou a ter o maior Império registrado na História (um quarto do território terrestre e um quinto da sua população), tendo que abrir centenas de Capelarias Anglicanas em todo o mundo, por iniciativa do governo, além da presença de missionários junto aos nativos, apoiados por Sociedades Missionárias Anglicanas privadas.

O setor de exportação-importação, metalurgia, transportes (trens, bondes e navios), energia (gás e eletricidade) e comunicação (telefone e telégrafo) eram de propriedades inglesas, que, ainda investem no setor bancário e em outros ramos comerciais e de mineração. Numerosas colônias de cidadãos britânicos se estabelecem em nossos principais centros urbanos. Pelo Tratado, eles poderiam – além de clubes e cemitérios – construir templos para o culto anglicano, desde que celebrado em língua inglesa, e que as construções não tivessem símbolos religiosos exteriores. A partir do Rio de Janeiro, esses templos foram construídos, também, em Niterói, São Paulo, Santos, Nova Lima (MG), Salvador, Recife, e, muito posteriormente, em Belém (PA). A jurisdição episcopal era do Bispo de Londres, que ocasionalmente usava bispos em visita ao nosso continente (como o do Havaí, em 1869). Mas em 1874, a Igreja da Inglaterra, a pedido do Ministério das Relações

**DIOCESSE ANGLICANA DO RECIFE – UMA IGREJA DA COMUNHÃO ANGLICANA NO BRASIL, SOB A AUTORIDADE
PRIMACIAL DA
IGREJA ANGLICANA DO CONE SUL DA AMÉRICA**

Exteriores, instala a Diocese das Ilhas Falkland (Malvinas), com a Catedral em Port Stanley e escritório em Buenos Aires, com jurisdição sobre toda a América do Sul.

No Recife, passamos a ter o Town Club (um bar no bairro do Recife), o Clube Caxangá, o Country Club, o Cemitério (no bairro de Santo Amaro) e o templo da Holy Trinity Church e casa pastoral, ambos no bairro da Boa Vista. A comunidade inglesa, por causa da amenidade do clima, preferia residir na área Parnamirim – Casa Forte – Apipucos – Monteiro.

A Capelania Britânica de Pernambuco teve início no ano da nossa Independência, 1822, tendo como seu primeiro titular o *Rev. John Penny*, seguido do *Rev. Charles Adye Austin*, que construirá o templo, a partir de 1838, na Rua da Aurora, esquina com a então Rua Formosa, onde hoje se encontra o Cinema São Luís. A casa pastoral ficava em uma transversal da Rua Formosa, denominado, por isso mesmo de “*Beco do Padre Inglês*” (o ministro anglicano), posteriormente Rua do Padre Inglês (hoje dominada pelos batistas...).

Estão registrados os seguintes Capelães que aqui serviram: *Rev. J. Midgley* (1874-1892), *Rev. William Ding* (que morre de febre amarela e é aqui sepultado), *Rev. W.E. Macray* (1893-1918), *Rev. F.M. Lane* (1900-1902), *Rev. George Baile* (1903-1918, que morre nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, integrando o contingente de voluntários anglo-pernambucanos), *Rev. J. Meredith Bate* (1920-1922), *Rev. Archbald Nocol* (1922-1936), *Rev. H.J. Dobb* (1940-1941). Sem registro preciso das datas de seus períodos, seguem-se os reverendos: *Eric C. Wilcokson*, *J. Gould*, *D.N. Jackson*, *Theodore Hina*, *Cecil R. Burton*, *R.F. Pearce* e *John Ellsworth* (início dos anos 1960, quando o conheci e a Igreja, ainda com alta frequência de ingleses e de seus descendentes).

Quando, em 1944, a Prefeitura do Recife resolveu alargar a Rua Formosa, transformando-a em Av. Conde da Boa Vista, foi desapropriado o terreno do antigo templo dos ingleses. Estes compraram um outro no quintal do Country Club, na Rua da Matinha (depois Carneiro Vilela), onde edificaram outro templo, aproveitando móveis, utensílios, o gradil e os vitrais do templo antigo. Ali foi posto o primeiro órgão de tubos de todo norte e nordeste do Brasil.

O último Capelão inglês (meu amigo, discipulador, assessor da ABU, professor dos Seminários Congregacional, Batista e Presbiteriano), o inglês *Dionísio (Dennis George) Pape* era, na realidade, um Batista, feito Ministro Leigo para officiar orações matutinas e funções pastorais não-sacramentais, pelo *Bispo Sherrill*. Foi o *Rev. Pape* quem me deu o meu Primeiro LOC (Livro de Oração Comum), edição de 1930, da então Igreja Episcopal Brasileira, que uso e conservo com carinho até hoje.

As Capelarias Britânicas eram fechadas, atendendo apenas os estrangeiros, e não tinham nenhuma motivação missionária junto aos brasileiros (*“Eles já têm a religião deles...”*). Diziam, criticamente, os integrantes do protestantismo de missões (que tem início, em 1855, com os congregacionais): *“Os ingleses deixam na Inglaterra o seu capote (sobretudo) e a sua Bíblia”*. A Capelaria do Recife atendia os ingleses de todo o Nordeste, realizando, ocasionalmente, cultos em outras cidades. Um número reduzido de brasileiros se tornou anglicano por casamento, ou por terem conhecido a nossa igreja em visitas de estudo ou de trabalho à Inglaterra. Por outro lado, é inegável que os ingleses deixaram inestimável contribuição cultural e tecnológica para o nosso País, e fixaram a imagem do Anglicanismo como um ramo histórico, reformado e respeitável da Igreja de Jesus Cristo (altas autoridades da Corte Imperial estiveram presentes à inauguração do templo do Rio de Janeiro, protegido pela Polícia, ante a ameaça de apedrejamento de parte de um quitandeiro português...).

Com o fim do Império Britânico e a nova hegemonia dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial (anos 1940 e 1950) – quando tivemos lutando, também, um contingente de anglo- pernambucanos – a maioria dos ingleses aqui residentes foram voltando para a Grã-Bretanha, outros foram morrendo ou estavam demasiado idosos, outros se tornaram Católicos Romanos por casamento, ou se secularizaram, iniciando o declínio das Capelarias.

A Igreja Episcopal Brasileira, nos anos 1960, estava marchando para ser uma Província Autônoma da Comunhão Anglicana, e inicia gestões diplomáticas para integrá-las, bem como as Capelarias Japonesas (São Paulo e Paraná) à nascente Província. Esse trabalho foi feito por *Dom Edmund Knox Sherrill*, Bispo da Diocese do Brasil Central, com sede no Rio de Janeiro, e com jurisdição do

Paraná à Amazônia. Progressivamente, todas as Capelanias foram mudando de jurisdição, e se integrando à Província brasileira, com exceção (até os nossos dias) da Christ Church (Rua Real Grandeza, Botafogo) no Rio de Janeiro.

Uma assembléia paroquial da Capelania do Recife, Holy Trinity Church, decidiu por essa filiação, enviando como delegada ao Concílio da Diocese do Brasil Central a *Sra. Conti*. A IEB ficava com o compromisso de assistir os súditos de Sua Majestade, residentes ou de passagem, em suas necessidades religiosas. Cultos em Inglês (por fim apenas uma vez por mês) aconteciam até o início da década de 1990, bem como o Culto Memorial, no dia de Finados, celebrado no Cemitério dos Ingleses. Nesse período de transição serviram no Recife dois norte-americanos: os reverendos *John Said* (depois Bispo Sufragâneo em Miami) e *Phillip Getchell*, até 1975 (que inicia a evangelização de crianças pobres da comunidade de Brasilit apanhadoras de bola de Golfe no Clube Caxangá, realizando estudos bíblicos informais embaixo das árvores).

O trabalho de evangelização para brasileiros, em língua portuguesa, tem como pioneiro, em 1966, o *Rev. Alfredo Rocha da Fonseca Filho*, pernambucano de origem presbiteriana, formado no Seminário de Porto Alegre. Embora membro da Igreja Luterana (IELB) acolitei o seu primeiro culto e o culto da primeira visitação episcopal. Simpático, dinâmico, comunicativo, o *Rev. Alfredo* divulgou o Anglicanismo em nossa sociedade, fez amizades na imprensa, realizou o primeiro ato ecumênico, de Páscoa, no Country Club (que tinha os clérigos anglicanos como sócio-honorários), com o Padre da Matriz do Espinheiro e o Pastor da Igreja Presbiteriana da Encruzilhada, promoveu Conferências e Concertos de órgão de tubo (aqui trazendo o grande orador e músico *Rev. José Del Nero*). Nessa época havia dois cultos dominicais: um em inglês e um em português. Um grupo expressivo pioneiro de confirmandos brasileiros foi deixado pelo *Rev. Alfredo*, que teve de fugir do Recife perseguido pela ditadura militar, por dar assistência pastoral aos presos políticos da Casa de Detenção. Foi substituído pelo Diácono *Rev. Paulo Medeiros* (1968-1969), carioca de origem Batista, que deixou o ministério e se tornou conhecido psicanalista no Recife.

Em março de 1975 é designado como Pároco o *Rev. Paulo Ruiz Garcia*, paulista de origem presbiteriana. Em 20 de maio de 1976 encerra-se, definitivamente, o Ciclo da Capelania Britânica, com a criação, pelo Sínodo Geral da agora Igreja Episcopal do Brasil, da Diocese Setentrional, com sede no Recife, desmembrada da Diocese Central, com jurisdição sobre todo o Norte e o Nordeste, sendo designado Bispo o *Revmo. Dom Edmund Knox Sherrill*, norte-americano, que passaria a aqui residir em 1977, até janeiro de 1986 (continua).

Resgatando Nossa História (II)

Diocese do Recife: 30 Anos

II – O PERÍODO SHERRILL (1976-1985)

O Primeiro Bispo da nossa Diocese, então denominada de Diocese Setentrional – com jurisdição sobre todos os Estados das regiões Norte e Nordeste – foi *Revmo. Dom Edmund Knox Sherrill*, missionário norte-americano, e ex-Bispo da Diocese Central (Rio de Janeiro).

Seu pai, o *Revmo. Henry Knox Sherrill*, foi Bispo Diocesano de Massachussets (Boston), Primaz da então Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos da América (PCUSA), primeiro Presidente do Conselho Nacional de Igrejas dos EUA, e Capelão-Chefe das Forças Armadas daquele país na Segunda Guerra Mundial. O jovem *Edmund* formara-se em História pela prestigiosa Universidade de Yale e, servindo nos campos de batalha na Europa, sentiu o chamado para o ministério (como o fizera o seu irmão), cursou o Seminário, foi ordenado Diácono e Presbítero, e se apresentou à Junta de Missões Estrangeiras, vindo a servir no Brasil.

Dom Sherrill era um cavalheiro, de modos gentis e personalidade firme, ampla cultura, pastor, amigo, demonstrando evidentes sinais de carismas para o Episcopado. Politicamente, uma pessoa de esquerda, apoiou a União Cristã dos Estudantes do Brasil (UCEB) e foi um dos oradores da famosa “*Conferência do Nordeste*”, promovida no Recife, em 1962, pela Confederação Evangélica do Brasil, e que reuniu intelectuais cristãos e seculares (*Gilberto Freyre, Celso Furtado, Paul Singer* e outros), sob o tema: “*Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*”, teve que usar o peso do seu

nome para soltar dos órgãos de repressão do regime militar o jovem *Rev. Almir dos Santos* (depois Bispo de Brasília), de um episódio do qual também participara, e por pouco deixara de ser preso o jovem *Paulo Ruiz Garcia* (a época também de esquerda...). Teologicamente – como grande parte de sua geração – era, por um lado, não um evangelical, mas um neo-ortodoxo, por outro, em sua simplicidade, um adepto da despojada liturgia da “*Igreja Baixa*” no Anglicanismo. Sua convivência no Brasil o foi aproximando do Evangelicalismo, chegando a ser um dos co-presidentes da Cruzada Billy Graham Grande Rio, teve uma experiência pessoal carismática, o que o levou à *glossolalia* (falar em línguas) e a, com discrição, exercer o dom de cura, por imposição de mãos. Foi um *Sherrill* já maduro, com larga experiência e visão missionária, que propôs à Província a criação da Diocese Setentrional, com a decisão de, ele próprio, se mudar do Rio de Janeiro para o Recife.

O novo projeto diocesano, por iniciativa do *Bispo Sherrill*, teria, desde o início, o apoio da missão inglesa SAMS, e a presença de um clérigo nacional com dons evangelísticos: o *Rev. Paulo Garcia*, ex-empresário (indústria e agricultura) não bem sucedido nos negócios, que fora expulso (juntamente com toda a sua turma) do Seminário Presbiteriano de Campinas-SP; estudara, depois no Seminário da Igreja Presbiteriana Independente e, por fim, no Seminário da Igreja Episcopal do Brasil (na época um internato em São Paulo, quando compôs a música paródia: “*Todos Mortos com o LOC na Mão*”), vindo ali a se filiar ao Anglicanismo. O *Bispo Sherrill* resolveu nele investir, ordenando-o Diácono e Presbítero, designando-o para servir em algumas comunidades em São Paulo e no Rio de Janeiro, cursar Filosofia e Direito (em escolas periféricas), e enviá-lo para estudar no Instituto de Bossey, na Suíça, do Conselho Mundial de Igrejas, e junto a SAMS, na Inglaterra, como preparação para servir no Nordeste, a partir de março de 1975, totalmente sustentado pela Igreja, vivendo na casa pastoral, em estilo de vida forçosamente simples.

O mesmo – também de posição teológica neo-ortodoxa – bom orador, envolvente e competente em relações públicas, começa o seu trabalho com os Confirmados remanescentes do ministério do *Rev. Alfredo Rocha da Fonseca Filho*, agregando, na fase inicial, membros insatisfeitos de igrejas evangélicas, vestindo para os cultos o robe genebrino preto (usado por presbiterianos, metodistas e congregacionais em alguns países), aproximando-se das lideranças protestantes, usando traduções

dos roteiros litúrgicos da Igreja de *John Stott*, tendo o Hinário Evangélico como fonte de canto, acompanhado pelo órgão de tubo, e, posteriormente, por um coral clássico, com classes de Escola Bíblica Dominical para todas as idades, e Eucaristia apenas um domingo por mês. Publicamente desfazia do Livro de Oração Comum, mas o usava, discretamente, como fonte para suas “*belíssimas*” orações públicas. Enquanto isso, o Bispo continuou a viver no Rio de Janeiro em 1975 e 1976. O chamado “*Período Protestante*” da Paróquia da SS. Trindade prosseguiu até 1978. Ouvi, em 1976, do Pároco, duas “*pérolas*” eclesiológicas: “*Esse ministério é uma maravilha: eu aqui e o Bispo no Rio de Janeiro...*”, e “*Essa Igreja Episcopal é uma maravilha; o único problema são os Bispos...*”.

A Diocese Setentrional foi criada pelo Sínodo Geral da Igreja Episcopal do Brasil em 20 de Maio de 1976, e o *Bispo Sherrill* se mudou para o Recife apenas no início do ano seguinte, 1977, passando a residir na Av. Rosa e Silva, no Espinheiro. A Diocese, em seu início, era composta por apenas três Paróquias: Santa Maria (*Rev. Anselmo Stein*), Belém-PA, onde a IEAB contava com a prestigiosa “*Escola John Kennedy*”; SS. Trindade (*Rev. Paulo Garcia*), Recife-PE e Bom Pastor (*Rev. Stuart Broughton*), Salvador-BA.

Com o seu prestígio familiar e pessoal nos EUA, o Bispo não teve maiores dificuldades em levantar ofertas financeiras de amigos, parentes e instituições, e sua visão missionária o levou, rapidamente, a abrir novos Pontos Missionários, alguns com projetos sociais, e que, viriam a se transformar em Missões ou Paróquias: São Lucas, em Nova Marambaia-PA; Ressurreição, em João Pessoa-PB; O Salvador, em Itaparica-BA; Bom Samaritano, em Boa Viagem e Redentor, na Várzea, ambos no Recife-PE; e Emanuel, em Olinda-PE. Os trabalhos na Ilha de Itaparica e na Várzea tiveram uma forte ênfase social: educação, saúde, mobilização comunitária etc. Infelizmente um jovem missionário oriundo de uma denominação pentecostal, e de mínima formação anglicana, levou consigo a maioria do povo e das propriedades de Itaparica, chocando e entristecendo o bondoso Bispo, que queria avançar, mas que contava com reduzido número de líderes treinados e disponíveis na novel Diocese.

Para a formação de clérigos e líderes leigos, o *Bispo Sherrill* criou o NAET – Núcleo de Estudos Anglicanos, que funcionava, em fins-de-semana, na antiga casa pastoral da SS. Trindade, transformada em Escritório Diocesano e Paroquial, onde estudaram três dos seus ordinandos, os futuros reverendos: *Ian Meldrum*, *Robinson Cavalcanti* e *Antônio Carlos* (da Bahia), complementando suas formações em Anglicanismos. Os outros Ministros Ordenados durante o período *Sherrill* foram: *Josephino Lobato*, de Belém-PA e um fazendeiro japonês, Ministro local, para servir à colônia nipônica de plantadores de pimenta. Posteriormente o Bispo organizou dois núcleos de jovens vocacionados ao ministério: os mais “renovados” sob a sua direção espiritual, e os mais “tradicionais” sob a direção do já *Rev. Robinson Cavalcanti*. Deixou o Bispo, ao final, já preparado o processo do Postulante e depois *Rev. Washington Franco*. Durante o seu Episcopado recebemos a visita do Bispo-Presidente da ECUSA, *Revmo. Edmond Browning*.

O *Bispo Sherrill* viajava ao exterior e para a sede provincial, em Porto Alegre, dava assistência aos novos Pontos Missionários e aos projetos sociais, recebia pastoralmente os fiéis em seu gabinete, mas se envolvia cada vez menos com a Paróquia da SS. Trindade (onde dirigia um culto de oração às quartas-feiras e os ofícios de Semana Santa, com reduzida freqüência, período quando o Pároco tirava para descansar...), deixando o seu dirigente cada vez mais “solto”. Este, nos primeiros anos no Recife, continuava politicamente de esquerda, recebendo o título de “*Cidadão do Recife*” por iniciativa dos “autênticos” do MDB, e apoiando abertamente a candidatura de *Marcos Freire* (contra *Roberto Magalhães*) para Governador do Estado de Pernambuco, sendo, ainda, o Capelão da Convenção partidária, e levando o candidato a um culto nas vésperas das eleições.

Em 1978 e 1979 aquela Paróquia substitui seu “*Período Protestante*” (tradicional) por seu “*Período Carismático*”, tendo as alunas do Seminário Betel Brasileiro, de João Pessoa-PB, como professoras da Escola Dominical, o convite como preletores de figuras como o Pastor *Enéas Tognini*, o Pastor *Reuel Feitosa* e a missionária e ex-atriz *Darlene Glória*, o intercâmbio com igrejas “renovadas”, e com o primeiro núcleo da Renovação Carismática no Recife, na Paróquia do Cajueiro, dirigido por freiras. Uma profecia sobre “*um belo vaso de barro feito por mãos humanas, que precisa ser*

quebrado para que eu refaça”, emitida em uma reunião para pastores no Seminário Betel, começou a arrefecer o entusiasmo do Pároco com essa corrente do Cristianismo.

A partir de 1979, a Paróquia da SS. Trindade inicia a sua terceira fase, diferente das duas anteriores, que poderíamos denominar de *“Período Casalístico”*. Um grupo de casais – o Pároco à frente – fez o Encontro de Casais com Cristo (ECC) na Igreja Presbiteriana Jardim das Oliveiras (da IPU), em São Paulo. Ao regressar, pleno de entusiasmo, exclama o Pároco a seguinte expressão teológica: *“Achei uma mina!”*. Todos os demais ministérios foram abandonados, e, por um longo período, tinha-se ECC a cada dois meses, com os adolescentes e jovens, os pobres e os solteiros se sentindo abandonados, alguns deixando a Paróquia. Frase de um membro da Junta Paroquial e líder do ECC: *“Não vamos hostilizar pobres, solteiros, viúvos ou divorciados, mas a opção desta Paróquia é pelos casais de classe média, e todos os cargos serão ocupados por eles!”*. Deslocava-se a fé no Cristo para a fé no método, tido como inquestionável e infalível.

O Bispo Sherrill estava cansado de um longo episcopado (Rio de Janeiro e Recife) de imensas Dioceses, e não teve a paciência em esperar por transformar a Diocese Setentrional de Diocese Missionária (sem autonomia) em Diocese Plena (com autonomia para escolher o seu Bispo), resolvendo se aposentar. Na época ele exercia as funções de Primaz Interino (com o falecimento do Primaz Dom Arthur Rodolpho Kratz). Como uma figura respeitada, exercendo uma função importante, com a *“fama”* de evangelista bem sucedido do seu pupilo, não fez uma articulação na Câmara dos Bispos, nem apresentou nomes alternativos, mas apenas a do Rev. Paulo Garcia, deixando o plenário do Sínodo Geral da IEAB em uma situação plebiscitária. O candidato era reconhecido pelo seu carisma de evangelista, mas não de Bispo e carecia de uma postura humilde, além do fato de que a corrente liberal-católica estava consolidando a sua hegemonia sobre a Província. O resultado foi a surpreendente derrota do Rev. Paulo Garcia, sendo eleito Bispo Coadjutor da nossa Diocese o então Deão da Catedral de Santa Maria-RS (e que não conhecia o Nordeste nem como turista) o Revmo. Clóvis Erly Rodrigues. Tive que dirigir o culto e dar a notícia do resultado a uma congregação em comoção. Tive, por determinação do Bispo Sherrill, juntamente com a irmã Dalila, da Paróquia Anglicana do Bom Samaritano, de me deslocar para a cerimônia de

Sagração na Catedral de Porto Alegre (não havia qualquer clima para que a mesma se desse aqui) e saudar o consagrado na festa que se seguiu no Teresópolis Tênis Clube.

Durante o ano de 1985 o *Bispo Sherrill* trabalhou ao lado do seu Coadjutor, o *Bispo Clóvis*, que imediatamente assumiu a supervisão dos seminaristas (dissolveu os antigos dois grupos, juntando a todos sob a sua direção), e, progressivamente outros encargos, sem as boas vindas da maioria dos fiéis, ressentida pelo mesmo nos ter sido imposto pelo Sínodo. No início de 1986 o *Bispo Sherrill* renuncia, se aposenta e muda sua residência de volta ao Rio de Janeiro, amado por sua ex-Diocese, que, por outro lado, ficava tensa, “*em temor e tremor*” quanto ao seu futuro. (continua).

Resgatando Nossa História (III)

Diocese do Recife: 30 Anos

III – O PERÍODO CLÓVIS (1986-1997)

O segundo Bispo da Diocese do Recife foi o *Revmo. Dom Clóvis Erly Rodrigues*, gaúcho, ex-missionário em Moçambique, na África, ex-Deão da Catedral de Santa Maria-RS e professor de Ensino Médio, um liberal-católico, dentro da tipologia anglicana, e admirador da Teologia da Libertação. Em virtude de ser, àquela época, a nossa Diocese canonicamente “*missionária*” (isto é, não autônoma, por não ter alcançado o número mínimo de Presbíteros ativos e de Paróquias), ele foi eleito pelo Sínodo Geral da IEAB, mesmo não conhecendo a região, nem sendo por ela conhecido. De certa forma, conforme carta-denúncia de um grupo de seminaristas à Província, na verdade ele era um “*Interventor*”, que veio com uma missão dada pela cúpula liberal-católica da Província, de “*corrigir*” a nossa Diocese das influências evangélicas e carismáticas, e “*enquadrá-la*” nos parâmetros teológicos e litúrgicos daquela tendência. O primeiro ano (1985) aqui passou como Coadjutor do *Bispo Sherrill*, assumindo o status de Bispo Diocesano no início de 1986, profundamente isolado por um clero e um laicato, em sua maioria, ferido, desconfiado e hostil.

Em seu primeiro Concílio Diocesano, realizado na Paróquia do Bom Pastor, em Salvador-BA, houve um movimento articulado para pedir, pacificamente, a sua renúncia e retorno ao sul, para que se

procedesse à escolha de novo Bispo de consenso para a nossa Diocese Setentrional. O movimento foi desarticulado graças à ação de um Bispo do Sul ali presente como observador, que, nas caladas da noite, reuniu filiados a uma entidade iniciática e uma loja (não exatamente de ferragem..), inclusive delegados “*de confiança*” do *Rev. Paulo Garcia*, que, no dia seguinte, adentravam o recinto distribuindo flores, ofertando um ramalhete à esposa do Bispo, e fazendo ardorosos pronunciamentos de apoio ao mesmo...

O *Bispo Clóvis* era uma pessoa fechada, desconfiada e irônica, que afirmara: “*Não gosto de evangélicos e detesto carismáticos*”. Viajava para fora da Diocese o máximo que podia, aqui vivia isolado no Escritório Diocesano, cuidando dos papéis, e tentando sempre cooptar – por persuasão, pressão ou ameaça velada – os jovens seminaristas: uma minoria aderiu, uma minoria resistiu, e a maioria ou deixou a Igreja ou deixou a vocação. Assumiu, interinamente, como bispo-pároco a então denominada Pró-Catedral do Bom Samaritano, e, em um ano, a membresia tinha sido reduzida de 150 para 30 membros. Estava sempre aberto para acolher egressos da Igreja Romana e procurava obstacular o ingresso de egressos de Igrejas Protestantes. Seu ecumenismo era extremamente unilateral, apenas com os setores romanos ou protestantes liberais ou da teologia da libertação. Deu novo conteúdo às matérias do NAET, em um cabo-de-guerra permanente entre a maioria evangélica e carismática de alunos e a maioria liberal ou da teologia da libertação dos professores. O NAET, que, até então, ministrava apenas as disciplinas anglicanas para os alunos que cursavam Teologia em Seminários de outras denominações, foi elevado ao status de Seminário Diocesano, com Curso de Bacharelado pleno. Os alunos de Belém-PA e de Salvador-BA deveriam cursar Seminários ecumênicos liberais daquelas localidades. Quem fosse amigo dos reverendos *Paulo Garcia* ou *Robinson Cavalcanti* eram – juntamente com eles – marginalizados.

Foram ordenados, durante o seu período os seguintes reverendos: *Washington Franco* e *Siméa Meldrum* (os únicos dos seus Presbíteros que continuam conosco), *Maurício Andrade* (Bispo de Brasília), *Sebastião Gameleira* (Bispo de Pelotas), *Alberto Blandon* (no Canadá), *Francisco de Assis* (em Novo Hamburgo-RS, Diocese Meridional), *Raimundo Nonato* (em Belém-PA, Distrito Missionário da Amazônia), *Alberto Pires* (em São Luís-MA, vínculo eclesiástico desconhecido), *Evanilza Loureiro*

(licenciada na dissidência local pró-IEAB), e, apenas ao Diaconato: *Luiz Souza de França* (Arceiago e Deão da Con-Catedral Anglicana da Ressurreição, João Pessoa-PB), *Abimael Rodrigues* (em Livramento-RS, Diocese Sul-Occidental) e *Josafá Batista* (aposentado em Salvador-BA, na dissidência local pró-IEAB).

A Diocese Setentrional teve o seu nome mudado pelo nosso Concílio Diocesano, e homologado pelo Sínodo Geral da Província, para Diocese Anglicana do Recife.

Apesar de que a filosofia do Bispo fosse sempre a de afirmar que a linha liberal-católica era “o verdadeiro Anglicanismo”, e de que “*prefiro que não haja novas Paróquias, a tê-las não do meu jeito*”, a resistência e o trabalho missionário dos evangélicos fizeram a Diocese crescer e adquirir status de Diocese Autônoma. É verdade que alguns Pontos Missionários foram iniciados por clérigos evangélicos, e, posteriormente, esvaziados e fechados pelas ações do Bispo, como os de Caruaru (iniciado pelo *Rev. Robinson Cavalcanti*), Fortaleza (iniciado pelo *Rev. Washington Franco*) e Maceió (iniciado pela *Revda. Evanilza Loureiro*). Além da ascensão de antigos Pontos Missionários fundados pelo *Bispo Sherrill* ao status de Missão ou Paróquia, foram criados, durante o “*Período Clóvis*” as seguintes novas frentes missionárias: Semeador, em Jardim Brasil, Olinda-PE (filha da Paróquia Emanuel); São Paulo, no Alto do Eucalipto, Recife-PE; Amor Cristão (depois Filadélfia), em Maceió-AL e Reconciliação, em Caruaru-PE (filhas da Paróquia da SS. Trindade).

O “*Período Clóvis*” foi marcado por um constante clima de tensão, isolamento entre o clero (dois clérigos conversando já era tido como conspiração), os Concílios momentos sempre desagradáveis, prazos canônicos foram ilegalmente reduzidos em favor de quem ele simpatizava e flagrantemente dilatados (como aconteceu, por anos, com o então Candidato *Miguel Uchoa*) com os que ele não simpatizava ou discordava. Pode-se dizer que, nessa longa e interminável década, a Diocese sobreviveu, apesar do Bispo.

Por outro lado, o *Rev. Paulo Garcia* funcionava como líder de uma oposição sistemática e implacável. O Bispo era mantido à distância, e não consultado sobre nada, fortemente hostilizado, e

somente convidado para realizar o Rito de Confirmação. Era uma figura desconhecida em sua Diocese. Certa feita, convidado para proferir devocional em um Cursilho, foi barrado pelo pessoal do trânsito. Ao que reagiu com justa indignação: *“Eu sou o Bispo!”*, no que foi contestado pelo chefe do trânsito: *“E Eu sou o Papa!”*. Na verdade, a Paróquia da SS. Trindade hospedava um *“governo-paralelo”*, ao ponto de se afirmar que tínhamos dois Bispos: um de Direito (*Clóvis*) e um de fato (*Paulo*). A essa altura a Paróquia da SS. Trindade tinha substituído o seu *“casalismo hard”* (só ECC), por um *“casalismo soft”* (com a implantação, posterior, de Encontros de Crianças, Adolescentes e Jovens e os Cursilhos de Cristandade, Masculino e Feminino). Os não-casais eram atendidos (como cidadãos de segunda classe), porém os cargos continuavam privativos de casais. A opção pela classe média e média alta era expressamente assumida, e, no lugar das (minoritárias) conversões, passava a valer as numerosas e superficiais adesões.

O *Bispo Clóvis* é chamado para realizar a Confirmação de uma multidão de *“aderentes”* na SS. Trindade (que não promovia cursos de preparação, mas apenas, opcionalmente, uma palestra vaga). No dia seguinte, em um salão de beleza, alguém pergunta a uma senhora que havia sido confirmada na noite anterior: *“E, aí, fulana, como foi o culto da sua igreja ontem?”*. Ao que a mesma respondeu: *“Foi muito bonito. O pastor chamou a gente para ir à frente e um pastor baixinho e careca, que eu não conheço, orou com a mão na minha cabeça. Eu acho que ele estava me abençoando...”*.

Sob o pretexto – justificável – de combater os erros e excessos do Episcopado *Clóvis*, o *Rev. Paulo Garcia*, sutilmente, ia criando, de fato, uma animosidade contra a instituição do Episcopado em si. Sua conhecida frase: *“Não sou contra o Episcopado, mas contra esse Bispo!”* foi repetida no Episcopado posterior, e, se o mesmo fosse sincero diria: *“Sou a favor do Episcopado, desde que eu seja o Bispo!”*.

Ao contrário do *Bispo Edir Macedo*, que agiu com ética com a sua antiga denominação, a Igreja Pentecostal de Nova Vida, com quem tinha discordâncias, saindo em paz, e fundando, sob a

influência da Teologia da Prosperidade, outra denominação, a Igreja Universal do Reino de Deus, o *Rev. Paulo Garcia* “ficou” (entrismo) na IEAB e promoveu dois fatos extremamente graves:

1. Sob a capa da instituição e da nomenclatura, criou, de fato, uma nova instituição, uma Igreja Pós-Denominacional, centrada na fidelidade à sua liderança carismática (no sentido sociológico e não teológico), no vínculo sócio-afetivo com a Paróquia e no envolvimento com os movimentos de evangelização, tipo ECC e Cursilho, sem qualquer conhecimento da História, da Doutrina e do Governo do Anglicanismo (confundindo Arcebispo de Cantuária com Vinho de Catuaba...), e superficial conhecimento bíblico, pan-cristão e pan-protestante. Um original Episcopismo sem Bispo (ou o Pároco usurpando o seu papel), um Anglicanismo sem Cânones e sem Livro de Oração Comum (LOC). Isso possibilitaria, se necessário, levar esses “*mui fiéis*” para onde quisesse;

2. Havendo a Igreja Cristã, ao longo dos séculos, criado as formas: Episcopal (monárquica ou participativa), presbiterial e congregacional de Governo Eclesiástico, o *Rev. Paulo Garcia*, mantida a fachada de uma igreja “*episcopal*”, de fato inovou, criou uma nova e original forma de governo eclesial, que casa como uma luva com o caudilhismo da cultura ibero-americana: o Paroquialismo Autocrático. Nesta nova forma, não há a autoridade dos bispos, nem do Conselho de Presbíteros Regentes, nem da Assembléia ou Plenária dos fiéis. Isolado o Bispo, esvaziadas as Assembléias e as Juntas ou Conselhos, os Párcos (não mais vigários, ou representantes do Bispo, mas “*pastores titulares da igreja*”) exercem o efetivo poder monárquico absoluto.

O *Bispo Sherrill* se aposentou aos 61 anos, o *Bispo Clóvis* aos 62, pois aqui permaneceu por mais um ano, por pressão dos seus pares (insatisfeitos por ele não ter sido bem sucedido em sua “*missão*” de “*desevangelicalizar*” a nossa Diocese). Em outubro de 1996 ele convocou o clero para anunciar que iniciava o processo em direção à sua aposentadoria, o que foi oficializado no Concílio Diocesano, em João Pessoa-PB, em dezembro do mesmo ano. Um Concílio Extraordinário foi, então, convocado para o final de junho de 1997, na casa de retiro dos Jesuítas, na Ilha de Itaparica, na Bahia, para eleger um Bispo Coadjutor (auxiliar com direito à sucessão). O clero passou a se

reunir para orar, quebrar barreiras e trocar idéias, um retiro foi realizado em uma granja, de onde saiu o compromisso de todos em torno de 10 Pontos para ser implementado pelo futuro Bispo, denominado de “*Pacto de Paudalho*” (nome do município onde se situava a granja) e que o novo Bispo fosse eleito entre os clérigos que integrassem a nossa Diocese. Cada um dos indicados poderia adicionar uma “*Carta Compromisso*” pessoal ao Pacto. Na ocasião foram indicados 3 nomes: os reverendos *Maurício Andrade*, *Ian Meldrum* e *Robinson Cavalcanti* (pelos reverendos: *Washington Franco*, *Miguel Uchoa* e *Luiz Souza*). O *Rev. Robinson* percorreu todas as Paróquias e Missões, além de um encontro com os seminaristas patrocinado pelo DA, para trocar idéias com as suas lideranças. Em algo pioneiro no Anglicanismo brasileiro, dois debates públicos foram realizados entre os candidatos: um no Centro Diocesano e outro com os delegados-eleitores na véspera da eleição.

Na véspera da festa de São Pedro de 1997, foi eleito como terceiro Bispo da Diocese Anglicana do Recife (o primeiro eleito aqui e o primeiro nativo) o *Rev. Robinson Cavalcanti*, por maioria absoluta das urnas do clero e dos leigos, posteriormente homologado pela maioria dos Bispos e dos Conselhos Diocesanos da Província, apesar da tentativa, em uma reunião extraordinária da Câmara dos Bispos, em São Paulo-SP, por iniciativa dos Bispos de Pelotas e de Santa Maria, de não homologar a eleição, porque o bispo-eleito iria quebrar a monolitismo liberal e se constituía em “*perigosa ameaça para o futuro da nossa Igreja*”.

Em 05 de outubro de 1997, data de aniversário de sua genitora, com a presença do *Rev. Cônego John Peterson*, Secretário Geral da Comunhão Anglicana, no Centro de Convenções de Pernambuco, em Olinda-PE, tendo como oficiantes os Bispos *Glauco Soares de Lima* (de São Paulo) – Primaz, *Clóvis Erly Rodrigues*, *Almir dos Santos* (de Brasília) e *Edmundo Knox Sherrill* (aposentado) se deu a Sagração do novo Bispo Coadjutor, que foi Instalado e Empossado como Bispo Diocesano, na Paróquia da SS. Trindade, no dia 19 do mesmo mês. (continua)

Resgatando Nossa História (IV)

Diocese do Recife: 30 Anos

IV – O PERÍODO ROBINSON (1998-2002)

O terceiro Bispo de nossa Diocese – primeiro nativo e primeiro eleito localmente – é o Revmo. Edward ROBINSON de Barros CAVALCANTI, pernambucano, criado em Alagoas, professor aposentado de Ciência Política da UFPE e UFRPE (dados pessoais em nossa página www.dar.org.br), foi Coadjutor e Pároco Interino da Paróquia Anglicana Emanuel, Olinda-PE; Coadjutor da Paróquia da SS. Trindade; Ministro Encarregado do Ponto Missionário Anglicano da Redenção; membro do Conselho Diocesano, Delegado Sinodal e membro da JUNET – Junta Nacional de Educação Teológica da IEAB, tendo se filiado a DAR EM 1976, no ano da sua organização eclesial.

Como estava, por sua coerência, discriminado há 08 anos pelo “Bispo de Direito”, e há 06 anos pelo “Bispo de Fato”, isolado em seu Ponto Missionário da Redenção, no Bairro da Boa Vista (apesar de ter um amplo ministério no País e no Exterior), teve dificuldade inicial em compor a sua assessoria, por não conhecer e não ser conhecido pelos quadros dirigentes, clericais e leigos, da Diocese. Além de contar, no início da votação com apenas um terço dos delegados, tinha consciência que alguns mais conservadores votaram nele para evitar que o mais liberal fosse eleito, e que alguns mais liberais votaram nele para evitar que o mais conservador fosse eleito, o que o fazia, na realidade ser um líder, naquele momento, de base minoritária. Um Ministro Leigo, e ex-pastor de outra denominação, o denominou de “Bispo Kerenski”, em alusão ao Presidente que governou a Rússia entre a deposição do Czar e a Revolução Comunista. Ou seja, ele não seria a primeira opção dos extremos, que, em conjunto, formavam a maioria. Isso requereu do novo Bispo um exercício redobrado de paciência e perseverança, para desfazer imagens distorcidas, ganhar confiança e agregar pessoas em torno de um novo Projeto Diocesano.

Encontrou o setor administrativo, legal e financeiro em um estado de grande desorganização, muitas dívidas, o Colégio Anglicano John Kennedy de Belém com 27 ações trabalhistas e processos do “crime do colarinho branco” contra três dos seus ex-diretores, e caixas 1, 2 e 3 na gestão de então.

As Cotas Diocesanas eram quase inexistentes (com Paróquias até “isentas”), e o próprio Escritório Diocesano e o Seminário (NAET depois SAET) em um estado caótico e em instalações precárias. Teve que trabalhar duramente dois expedientes (ainda dava aulas na Universidade Rural à noite), enquanto gastava os fins-de-semana visitando as comunidades.

Teve o apoio decisivo do seu primeiro Secretário Administrativo, Rev. Luiz Souza (com a colaboração de pessoas como a Tesoureira Felícia Duarte e o membro da Comissão de Finanças Luciano Pereira, e tantos outros) para ir retomando a organização, pondo a casa em ordem, enquanto se convocava uma “Canoninte”, visando a atualização e ampliação dos Cânones Diocesanos. Foram ativados o Ministério Leigo e os Evangelistas; foram regulamentadas as figuras do Diácono Permanente e do Ministro Local; criou-se os estágios para os Seminaristas, uma nova grade curricular para o Seminário e um Diretório Acadêmico. Dois Seminários Menores foram estabelecidos: o ITAR, em João Pessoa-PB e o IAT, em Recife, depois em Olinda-PE. Um imóvel diocesano foi vendido, e se buscou verbas na Província e no Exterior, para se proceder a reforma do espaço que seria denominado de “Centro Diocesano George Carey”, com novos móveis e utensílios, informatização do Escritório Diocesano e da Secretaria do Seminário.

O Organograma Diocesano foi reformulado com a criação dos Arcediados (sub-regiões) e das Secretarias: Administrativa, Ação Social, Comunicação, Direitos Humanos, Educação, Missão e Evangelismo, Homens, Intercessão, Jovens, Mulheres e Tesouraria, e (visando uma maior integração entre as comunidades isoladas), com a ampliação do número de membros do Conselho Diocesano e das atribuições da Comissão de Ministério e da Junta de Capelães Examinadores, bem como o fortalecimento do papel da Psicóloga Diocesana. Estimulou-se a criação de equipes pastorais. Depois de muita luta, tivemos a fixação, pelo Concílio Diocesano, das Cotas Diocesanas em 10% (dez por cento) para todas as Paróquias e Missões. Foi criada a Igreja Catedral, com seu Deão e Cabido, vocações foram estimuladas, com um crescimento vertiginoso de seminaristas e um número crescente de Ordenações, obedecendo-se, rigorosamente, os preceitos canônicos. O Bispo do Recife tornou-se vogal e, depois, por três anos, presidente da JUNET, participando, apesar das

diferenças, de instâncias e eventos provinciais. Nos primeiros anos, foram abertos, uma média de, dois novos Pontos Missionários por semestre.

Desde o início deixava claro o seu compromisso com a Teologia da Missão Integral da Igreja (Evangelismo, Ensino, Comunhão, Serviço e Profetismo), e com uma Espiritualidade Integral (Adoração, Reflexão e Ação), bem como com a Inculturação, com o Estilo de Vida Simples e com a Igreja como Comunidade Terapêutica, bem como com a identidade Anglicana. Ao mesmo tempo em que, evitando toda forma de favoritismo ou discriminação, garantir a legítima diversidade ou Inclusividade Anglicana, no que nem sempre foi compreendido pelos mais monocromáticos ou menos tolerantes (de quem recebeu pressões e censuras).

Ainda como Bispo-Eleito conseguiu devolver o status de normalidade da Equipe Pastoral de Belém-PA (“suspensa” pelo Bispo anterior) e reconhecer, confirmar e empossar membros e clero da Paróquia Anglicana do Espírito Santo (até então oficialmente “não existente”), que passou de Ponto Missionário Anglicano diretamente para Paróquia. Evitou a entrada de cerca de 70 ex-padres e ex-pastores que não davam evidência de ética ou de adequação ao Anglicanismo, enquanto recebia fraternalmente – e aplicava os Cânones – aos que davam evidências positivas, alguns dos quais foram ordenados, e servem à causa do Senhor entre nós até hoje. Procurou reunir o Clero em Cafés da Manhã, e tornar os Concílios mais descontraídos, mais abertos e mais participativos.

Desde o início o novo Bispo ficou estarrecido, scandalizado, com o lastimável estado do ensino religioso na Diocese, com o escasso conhecimento bíblico e doutrinário, e com o quase total desconhecimento do Anglicanismo.

Em 1998 representou a Província na Conferência sobre Missões da Igreja da Inglaterra, visitou a Diocese de Leeds, participou dos Encontros tanto dos Bispos Carismáticos, quanto dos Bispos Evangélicos que precederam a Conferência de Lambeth, onde integrou a equipe que estudou o tema: “Namoro, Noivado e Casamento – na Bíblia, na Cultura e na Lei Civil”, presidiu o grupo de estudo sobre “O Episcopado”, e foi o único delegado brasileiro a votar favoravelmente à Resolução

1.10 sobre Sexualidade Humana. Recebeu, no Recife, a visita do Revmo. Robin Eames , Primaz da Irlanda, e de Sua Graça o Arcebispo de Cantuária George Carey, além de ter visitado oficialmente, com todo o episcopado da IEAB a Diocese de Massachussets. Estabeleceu convênio como “Dioceses Companheiras” com a Diocese de Pensilvânia Central (ECUSA) e de Fredericton (Canadá). Visitou a ambas e recebeu a visita do Bispo de Fredericton, para um dos nossos Concílios Diocesanos, o Revmo. George Lemmon .

No ano 2000, surpreendentemente, testemunhamos, o lamentável episódio, em nossa Diocese, de uma “aliança de opostos”. A pretexto de uma “Confraternização de Natal”, de 1999, os reverendos: Paulo Garcia e Sebastião Gameleira instigaram clérigos e ministros leigos contra o Bispo Diocesano, acusado de “teimoso”, “autoritário” e de estar “ênfatizando demais o Anglicanismo”. Isso resultou em uma audiência presidida pelo Bispo Primaz, quando a quase totalidade do clero hipotecou solidariedade ao Bispo, enquanto (na surdina) era criada a Igreja Episcopal Carismática do Brasil, saindo para ela – no primeiro episódio cismático – o Rev. Antônio Carlos, em João Pessoa-PB e o ML. Antônio Eça, no Recife-PE, além da seminarista Simone, e parcelas de comunidades em João Pessoa, para uma Igreja pentecostal.

Ainda em 2000, o Sínodo Geral da IEAB (após concordância do Concílio Diocesano da DAR) aprovou a criação do Distrito Missionário da Amazônia (Amazonas, Roraima, Pará e Amapá), e do Distrito Missionário do Oeste (Acre e Rondônia da DAR e outros Estados de outras Dioceses). Ficaram no DAM os reverendos: Amaro Daniel, Abimael Rodrigues, Fernando Poçadilha, Raimundo Nonato e Josephino Lobato, e as Paróquias de Santa Maria, São Lucas e São João Batista, e alguns Pontos Missionários. Em Agosto o Bispo da DAR em Culto Solene, transmitiu aquela jurisdição ao Bispo Primaz. Desde então o território da DAR passou a ser os nove Estados da região Nordeste.

Tendo, pelo ativismo e pelas adesões, construído o seu “império eclesiástico” burguês pós-denominacional e paroquialista-autocrático (não tendo sido bem sucedido em três tentativas de ser Bispo na IEAB), tendo o seu narcisismo e a sua megalomania agravados, tentando tutelar e controlar o Bispo Diocesano (“tenho o Bispo nas mãos”), desprezando o Livro de Oração Comum

(dizia aos Seminaristas: “terminado o Curso, joguem aquele livro no lixo”), ignorando as normas canônicas e estimulando um sentimento anti-episcopal entre os fiéis, não foi das mais fáceis a convivência do novo Bispo Diocesano com o seu Deão e Secretário de Evangelismo, a partir do “bunker” da Rua Carneiro Vilela. Com paciência o Bispo almoçou com o Deão, semanalmente, por dois anos e meio, procurando manter abertos os canais de comunicação. O mesmo ofereceu “óbolos” extraordinários para amaciá-lo, queria ter o direito de indicar os ministros das comunidades fundadas por ele (o Bispo formalmente só assinaria as designações), mantendo-as como “igrejas satélites”, não as integrando aos seus respectivos Arcediados (“Arcediado é uma boa idéia, só que não tem ninguém na DAR com competência para exercer tal função”). Era contrário a que o Bispo usasse símbolo de autoridade (como o báculo, p.ex.), e este apenas deveria aparecer nas Paróquias e Missões para realizar o rito de Confirmação ou Ordenação. Insistia em sua concepção “parlamentarista” do Episcopado: o Bispo como “rainha da Inglaterra”, desempenhando funções simbólicas e cerimoniais, além das burocráticas e da formação do clero, mas não da sua função central que é a Supervisão, episcopê, com as Paróquias e Missões como meras expressões locais da Diocese-Igreja e os Párocos e Ministros Encarregados como representantes (“vigários”) do Bispo-Pastor, conforme reza a tradição histórica da Igreja e a Doutrina Anglicana.

Tendo (secretamente) mantido acordos com a Igreja Episcopal Carismática (recebimento posterior do título de Bispo), o Deão aumentou as agressões e calúnias contra o Anglicanismo e o Bispo Diocesano (“vai batizar animais e casar gays”), não aceitando – conforme determinação do Primaz – ler nota de esclarecimento, cria uma denominação “laranja”, manipula expedientes questionáveis do ponto da ética judicial, se apropria do prédio histórico, dá entrevista à imprensa, rompe com a Diocese e se filia, em setembro de 2002, àquele grupo (não de anglicanos dissidentes, mas do chamado “movimento de convergência”) de origem norte-americana. Leva com ele as comunidades do Janga, Timbaúba e Vitória do Santo Antão-PE, e os reverendos: Frederico, Célio, Adonias e Edgar. O cisma foi, na realidade, trifonte: O grupo do Deão, com a Catedral (uma parcela dos membros, lideradas pelo Coadjutor Sérgio, permanece na DAR) para a Igreja Episcopal Carismática (que não ordena mulheres), os reverendos: Leonides e Karla, com a Paróquia Betânia, para a Igreja Episcopal Evangélica (outro ramo do “movimento de convergência” que ordena mulheres) e o Rev.

Múcio, com a comunidade do Parnamirim, de volta – mais uma vez – para a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). O fato demonstrou a total falta de identidade e compromisso desses ministros com o Anglicanismo, o carreirismo de alguns, e o espírito de ambição e de insubmissão à autoridade constituída que marca a Pós-Modernidade.

Um retiro do clero foi, então, convocado, com a presença do Bispo Primaz, do Secretário Geral da Província e do Bispo Diocesano, para a Paróquia Anglicana Jardim das Oliveiras, com a presença maciça de Presbíteros, Diáconos e Ministros Leigos, que, enfrentando o triste e doloroso episódio, reiterava o seu compromisso com o Anglicanismo, com a Diocese e com o seu Bispo. Apesar das setas dos adversários, a Diocese do Recife havia sobrevivido e prosseguiria a sua Missão. (continua).

Resgatando Nossa História (V)

Diocese do Recife: 30 Anos

V – O PERÍODO ROBINSON – SEGUNDA PARTE – (2002-2004)

No Concílio Diocesano de dezembro de 2000, por uma maioria de 90% dos delegados clericais e laicos, a DAR havia incluído em seus Cânones proibição para a ordenação de homossexuais praticantes, de heterossexuais que fossem defensores da normalidade daquela prática e homófobos, coerentes com o seu pensamento e com o voto dado por seu Bispo na Conferência de Lambeth, de 1998. O pequeno grupo derrotado no fundo não se conformou, e continuou a manter contatos com a maioria da liderança pró-gay na Província.

No Concílio Diocesano de 2001, em primeiro escrutínio, a DAR elegeu como Bispo Sufragâneo (auxiliar, sem direito à sucessão) o *Rev. Filadelfo Oliveira Neto*, ex-Pároco, ex-Arcediago, e ex-Secretário Administrativo Diocesano, com um discurso de fidelidade e apoio às posições e propostas de Igreja do Bispo Diocesano.

No primeiro semestre de 2003 – um período aparentemente tranquilo na vida interna da Diocese – a Comunhão Anglicana foi surpreendida com a decisão de Diocese de New Westminster, no Canadá, de ordenar clérigos homossexuais praticantes e de realizar “*bênçãos*” em união entre pessoas do mesmo sexo, e da Diocese de New Hampshire, nos EUA, de eleger como seu Bispo o *Rev. Gene Robinson*, um ex-casado e pai de duas filhas, que havia optado pelo homossexualismo, vivendo abertamente com o seu parceiro. Os Bispos e o Conselho Diocesano da DAR, em junho daquele ano, emitiram um documento “*A Afirmação do Recife*”, condenando aqueles fatos e reiterando seu apoio à Resolução 1.10 da Conferência de Lambeth, e 1998, texto que teve ampla publicidade, e que foi ratificado por quase todo clero reunido para tratar do assunto.

Em julho, o Bispo Diocesano, juntamente com uma delegação, esteve presente à Consulta Internacional da EFAC – Fraternidade dos Evangélicos na Comunhão Anglicana, em Nairobi, Quênia. No Recife, dois textos indicavam a articulação do setor minoritário interno: o do Ministro Leigo *Jardson Gregório*, intitulado “*Nunca Tive Tanta Vontade de Ser Gay*”, e o do leigo *Joanildo Burity*, denominado de “*Uma Voz Discordante na DAR*”.

No segundo semestre o Bispo Diocesano descobre que, entre reverendos, seminaristas e leigos, havia um núcleo, “*meio no armário, meio saindo do armário*”, de homossexuais e bissexuais, e de heterossexuais articulando a sua defesa, ou “*o direito à dúvida*”. Um Presbítero e um Diácono procuraram o Bispo Diocesano para abjurar do Cânon adotado pela DAR sobre a Sexualidade Humana. O Bispo trata da questão pastoralmente, não abre processo disciplinar e apenas os coloca em Disponibilidade (licença de funções mantido o status), com toda discrição, enquanto se buscava um encaminhamento que respeitasse a norma diocesana e a dignidade dos envolvidos. Ao fato foi dada ampla publicidade pelo lobby pró-gay da Província, procurando caracterizar o Bispo Diocesano – um histórico defensor dos Direitos Humanos – como perseguidor e homofóbico.

No Concílio Diocesano de dezembro de 2003, em João Pessoa-PB, foi aprovado um dispositivo canônico que estabeleceu que a DAR apenas manteria relacionamento institucional com Províncias, Dioceses, Paróquias e entidades Anglicanas que mantivessem as doutrinas e a ética bíblicas e a

tradição apostólica, e subscrevessem os princípios contidos na Resolução 1.10 da Conferência de Lambeth, de 2008. A minoria, mais articulada, promoveu forte confrontação, seguida de quase um terço dos votantes.

Em Janeiro de 2004 foi realizado no Rio de Janeiro, com patrocínio da IEAB a II Consulta sobre Sexualidade Humana. A primeira, no ano anterior, tivera o apoio da ALGA (Anglican Lesbian and Gay Association) e esta da “*Integrity*”, a maior ONG pró-gay do mundo anglicano, onde, no documento final, se advogou que as comissões de exame nos candidatos ao ministério não deveriam ser perguntados sobre sua (particular) “*orientação sexual*”.

No primeiro semestre de 2004, após a Convenção Geral da Igreja Episcopal dos EUA ter homologado a eleição de *Gene Robinson*, seguindo-se da sua Sagração como Bispo da Diocese de New Hampshire, o Bispo-Primaz da IEAB, emitiu, em nome da Província (sem consulta ou autorização do Sínodo Geral, do Conselho Executivo ou da Câmara dos Bispos) Carta-Aberta ao Bispo Presidente da ECUSA, apoiando, com base nos Cânones e na Cultura, aquela decisão. Em reunião regular, a Câmara dos Bispos da IEAB debate o tema: todos os Bispos Anglicanos do Brasil, menos os dois do Recife, se expressaram em favor da normalidade das uniões homoeróticas, ou da normalidade de quaisquer relacionamentos sexuais entre adultos por mútuo consentimento, e, alguns deles falando que não realizavam “*bênçãos*” de uniões entre pessoas do mesmo sexo “*porque o nosso povo não está ainda preparado*”, que os textos bíblicos referentes “*são para aquela época, e não são válidos para hoje*”, e que “*devemos promover programas de releitura bíblica para reeducar o povo*”.

Enquanto isso, o Bispo Diocesano do Recife, a convite de pais e avós de confirmandos de quatro Paróquias e uma Missão da Diocese de Ohio, EUA, juntou-se a um grupo de Bispos Aposentados daquele país, para realizar uma cerimônia pública e coletiva de Confirmação de 111 pessoas, no recinto do auditório da Igreja Ortodoxa Romena, na cidade de Akkron, em virtude daquelas famílias não aceitarem a confirmação pelas mãos do Bispo Diocesano local, que havia votado favoravelmente e participado da Sagração do Bispo *Gene Robinson*. O ato de solidariedade a uma

minoria oprimida, teve ampla repercussão e suscitou a ira dos setores liberais da Comunhão, particularmente na ECUSA e na IEAB, onde, na ocasião, se tentou enquadrar o Bispo do Recife como infrator dos Cânones, o que não ocorreu, segundo palavras do Primaz, por não haver Cânones que o mesmo estivesse infringindo.

Em julho, uma Consulta Teológica patrocinada pelo CEA – Centro de Estudos Anglicanos da IEAB, onde o Bispo Diocesano do Recife foi aberta e duramente criticado por três oradores (na presença passiva de 10 representantes da DAR, inclusive o seu Bispo Sufragâneo), chegou-se a uma definição de Igreja, que seria depois também adotada pela Comissão Especial que assessorou o Primaz do Brasil na análise da conjuntura da Comunhão Anglicana (e que dedicou o maior espaço para criticar o posicionamento da DAR e do seu Bispo), em que esta é definida – à semelhança dos suas congêneres liberais pós-modernos do Primeiro Mundo – como um ente social, cultural, litúrgico e afetivo, onde não há lugar para se definir doutrina ou padrões de conduta.

Em setembro, aproveitando uma viagem do Bispo do Recife para a Malásia, onde participou do Encontro da Comissão de Evangelismo e Missão da Comunhão Anglicana, sem ouvir as Assembléias ou Juntas Paroquiais, baseado em um boato de que o Bispo, por Portaria, iria exonerar 14 clérigos, sem que houvesse qualquer norma constitucional ou canônica, ou deliberação do Sínodo Geral que amparasse tal decisão – ilegal e ilegítima – a Câmara dos Bispos da IEAB, interviu na DAR, colocando alguns clérigos, Paróquias e Missões sob a autoridade de um pretense “*Supervisor Episcopal Especial*”, o Bispo de Brasília, em um ato de violência institucional sem precedentes da Comunhão Anglicana, onde apenas 4 Províncias prevêem tais situações, com procedimentos específicos, em comum acordo com o Bispo Diocesano e mantido em funcionamento os organismos canônicos diocesanos.

Organiza-se na DAR uma articulação de “*evangélicos opinionistas*”: não defendem os princípios evangélicos como doutrinas, mas como “*opiniões*”, dentre outras, aceitando viver em uma instituição de pluralismo ilimitado e em uma Pós-Modernidade sem verdade. Esse grupo publica textos onde, usando formalmente uma linguagem evangélica, expressam pensamentos liberais, diversos das

posições históricas da DAR e do seu Bispo, fecham-se a um debate com posterior deliberação coletiva sobre o futuro da Comunhão Anglicana e um possível realinhamento, optando por permanecer a qualquer custo na IEAB (documento “*Não Sairemos*”). Esse grupo consegue que a Província cesse de repassar verbas para o Centro Diocesano, cria um outro “*Escritório Diocesano*” (“*Governo de Vichy*”), no bairro do Parnamirim – Recife-PE, para onde levam, nas caladas da noite, o acervo do Seminário (SAET), inclusive 200 livros colocados em sua Biblioteca pelo Bispo Diocesano em comodato. Sob a “*Supervisão Episcopal Especial*” do Bispo de Brasília, tendo como seu auxiliar o próprio Bispo Sufragâneo da DAR, cria-se, de fato, um “*cisma interno*”, com um grupo minoritário de clérigos e comunidades rompendo a comunhão com seus colegas, com os organismos e com o Bispo Diocesano, realizando-se instituições de Ministros Leigos e Ordenações ao Diaconato e ao Presbiterado ao arrepio dos Cânones, em flagrante irregularidade e ilegalidade. Enquanto isso, uma insidiosa campanha de difamação e injúria é deflagrada pela Internet contra o Bispo Diocesano e outras lideranças da DAR por clérigos e seminaristas, algo sem precedentes na História da Igreja no Brasil.

O Primaz não acata a recomendação do Arcebispo de Cantuária para evitar palavras ou gestos que agravassem o conflito. Os Bispos Diocesanos de São Paulo e Curitiba, mais dois clérigos e dois leigos “*opinionistas*” da DAR entram com um pedido de abertura de Processo Disciplinar contra o Bispo Diocesano da DAR, pleno de erros formais, com vagas e genéricas acusações, carentes de provas. A tática da Província e da “*dissidência interna*” da DAR era promover atos ilegais que fossem asfixiando a nossa autonomia, e, se reagíssemos, seríamos acusados de “*rebeldia*” e de “*descumprimento dos votos de Ordenação*”, o que seria pretexto para novas investidas ilegais. A cada ataque, a liderança diocesana se reunia, protestava e reafirmava suas convicções.

Por fim, 48 horas antes do seu início, com todas as despesas feitas, o XXIV Concílio Diocesano, convocado publicamente um ano antes, foi “*suspenso*” por um Decreto do Primaz, outra vez sem qualquer respaldo constitucional ou canônico. A dissidência boicotou o Concílio, mas os presentes, maioria absoluta dos delegados clericais e leigos, votou, depois de acurado estudo e debate, por unanimidade, instalar e realizar suas sessões, onde incluiu nos Cânones Diocesanos um artigo

sobre o seu conteúdo doutrinário, emitiu uma Carta-Aberta ao Arcebispo de Cantuária e aos Primazes da Comunhão Anglicana, denunciando as arbitrariedades e requerendo, como medida emergencial urgente, uma “*Supervisão Primacial Adequada Alternativa com Jurisdição*”, e, em um clima de unidade no meio do sofrimento, concluindo seus trabalhos com o Cântico do Hino que diz: “*Ninguém Detém, é Obra Santa; Essa causa é do Senhor!*”. (continua).

Resgatando Nossa História (VI)

Diocese do Recife: 30 Anos

VI – O PERÍODO ROBINSON^{1*} – TERCEIRA PARTE – (2004-2006)

O Liberalismo Pós-Moderno, ou Revisionista, ocupa crescentes espaços nas diversas denominações do mundo tido como desenvolvido, particularmente os Estados Unidos da América, sendo pensamento hegemônico na Igreja Episcopal (ECUSA), tendo a Província do Brasil (IEAB), através de sua cúpula, como seu satélite. A autoridade das Escrituras, a unicidade da Igreja como agência do Reino e a unicidade de Cristo como Salvador são atacadas e/ou negadas, aberta ou veladamente. Forma-se uma coalizão entre o movimento homossexual (LGSTB), os liberais

^{1*} **Edward ROBINSON de Barros CAVALCANTI**, 62 anos, é Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Católica de Pernambuco, Bacharel em Direito, Mestre em Ciência Política pela IUPERJ – Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro – Conjunto Universitário Cândido Mendes, Palestrante nacional e internacional; Ex-diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e ex-coordenador do Curso de Mestrado em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco, onde lecionou Política Internacional e Religião & Política; Ex-coordenador no Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural de Pernambuco; Ex-professor da Universidade Católica de Pernambuco, da Faculdade de Filosofia do Recife, do Colégio Americano Batista – Recife/PE, do Colégio Presbiteriano Agnes Erskine – Recife/PE, entre outros; Professor aposentado de Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, e Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE; É membro da Academia Pernambucana de Ciências Políticas e Morais e da Academia Pernambucana de Educação e Cultura; membro fundador da FTL – Fraternidade Teológica Latino-Americana, do MEP – Movimento Evangélico Progressista, Movimento de Lausanne e ex-membro da Comissão Teológica da Aliança Evangélica Mundial; (há nove anos) é Bispo da **Diocese do Recife** (com jurisdição sobre o nordeste); durante o seu Episcopado ordenou 68 Diáconos e 59 Presbíteros; Autor dos livros: 1) Cristo na Universidade Brasileira, 2) Uma Bênção Chamada Sexo, 3) O Cristão, esse chato, 4) As Origens do Coronelismo, 5) A Igreja – Agência de Transformação Histórica, 6) Igreja – Comunidade de Liberdade, 7) Libertação e Sexualidade, 8) Utopia possível, 9) Cristianismo & Política – Teoria bíblica e prática histórica, 10) A Igreja, o País e o Mundo, 11) Igreja – Multidão Madura; alguns editados pela Editora Ultimato, e outros reeditados pela GW Editora.

pós-modernos e os “*evangélicos opinionistas*”, visando neutralizar o caráter ortodoxo da Diocese do Recife. A destruição do seu Bispo Diocesano, como líder e como pessoa, deveria ser um fato exemplar, para neutralizar possíveis opositores.

O Primaz acatou o Processo Disciplinar movido contra o Diocesano do Recife, nomeou uma Comissão Provincial de Investigação, tendenciosa em sua composição e em seus procedimentos, unilateral em sua investigação, ignorando a defesa apresentada pelo Bispo Diocesano, em seus aspectos formais e materiais, documentos apócrifos e falsos foram acolhidos nos autos. A Denúncia foi acolhida e remetida para o Superior Tribunal Eclesiástico da IEAB. Às vésperas do Encontro dos Primazes da Comunhão Anglicana, em fevereiro, o Primaz suspendeu o Bispo Diocesano do Recife, por tempo indeterminado, “*de Ordem e Ministério*”. Um Concílio Extraordinário, reunido na Paróquia Anglicana Jardim das Oliveiras, no Recife, no dia 26.02, protestou, repudiou e não-acatou aquela decisão arbitrária, continuou a reconhecer o Bispo, lançando o documento denominado de “*Carta de Setúbal*”, e fez novo apelo ao Arcebispo de Cantuária e aos Primazes. O Concílio Extraordinário foi encerrado, de forma vibrante, com o cântico: “*Os Guerreiros se Preparam para a Grande Luta... Eu Quero Estar com Cristo, Onde a Luta se Travar*”...

Em maio, o Arcebispo *Miguel Uchoa* falou a uma platéia de líderes anglicanos, em Londres, e se encontrou com a assessoria do Arcebispo de Cantuária, onde defendeu a tese que o que está em jogo não é a pessoa do Bispo, mas uma comunidade, a Diocese, com o seu clero, o seu povo e as suas posições. A essa altura “*o caso do Recife*” tinha tomado grandes proporções, com repercussão no País e no Exterior, com personalidades, anglicanas e não anglicanas, enviando mensagens de solidariedade e de apoio.

Em junho, o Superior Tribunal Eclesiástico, mesmo diante de um acusado primário e de sua consistente e sólida defesa, manteve duas das dez acusações, e o Primaz, com a anuência da Câmara dos Bispos, prolatou sentença condenatória de “*Deposição de Ordem e Ministério*” do Bispo do Recife. Este, no prazo canônico, apelou com um Recurso, que nunca foi julgado. A Diocese do Recife, por sua liderança, manteve o reconhecimento do seu Bispo e protocolou, no Palácio de

Lambeth, o primeiro pedido ao recém-criado Painel de Referência, uma Comissão que deveria arbitrar conflitos como esse na Comunhão Anglicana. O Bispo Sufragâneo, por sua vez, em nome do Primaz, dá um “*ultimato*” ao clero da Diocese do Recife: reconhecê-lo como sua “*Autoridade Diocesana*” ou sofrer sanções. Não é reconhecido. Sem qualquer processo, acusação formal, e sem direito de defesa, por um mero decreto administrativo, o referido Sufragâneo excomungou e depôs 32 clérigos (Presbíteros e Diáconos). Um escândalo coberto pela imprensa internacional. Protestos e solidariedade chegaram de lideranças e entidades de várias partes do mundo. A Diocese, apesar do impacto, seguiu normalmente em sua missão, reconhecida pela ampla maioria da Comunhão Anglicana.

Em setembro, em uma cerimônia marcada por forte emoção, o *Rev. Cônego Bill Attwood*, Secretário-geral da Ekklesia, o Bispo e os Clérigos da Diocese Anglicana do Recife receberam Carta-Documento do Primaz da Igreja Anglicana do Cone Sul, *Revmo. Gregory J. Venables*, reconhecendo as suas Ordens e Ministérios, e os colocando sob a sua proteção e autoridade primacial, fato que foi saudado interna e externamente. Por outro lado, a dissidência minoritária pró-IEAB insistiu em realizar um pseudo-concílio, onde, além do clero, exclui, também, as Paróquias e Missões regulares da DAR, formalizando, da parte deles, uma ruptura institucional.

Em agosto, em novo Concílio Diocesano Extraordinário, foram feitos os ajustes necessários ao nível canônico e estatutário, como um ente legal com Personalidade Jurídica própria, oficializando a sua desvinculação da IEAB e o seu status especial de Diocese Extra-Provincial sob a autoridade Primacial da Igreja Anglicana do Cone Sul da América, e em comunhão com a Sé de Cantuária.

Em outubro, o Bispo Diocesano esteve na Inglaterra como orador convidado do Conselho Evangélico da Igreja da Inglaterra, foi recebido para jantar com os bispos *Michel Nazir-Ali*, de Rochester e *Wallace Benn*, de Lewes, além de ter sido “*hóspede de honra*” Paróquia All Souls, almoçando com a Equipe Pastoral, inclusive com o seu Reitor Emérito *Rev. John Stott*, com quem tinha uma longa caminhada no Movimento de Lausanne e na EFAC – Fraternidade dos Evangélicos na Comunhão Anglicana. No Escritório-Sede da Comunhão Anglicana, St. Andrew’s House, manteve

uma reunião de trabalho de quatro horas, com membros do staff do Arcebispo de Cantuária, tendo sido recebido, no dia seguinte, por Sua Graça *Rowan Williams* em audiência no Palácio de Lambeth. Em todas essas instâncias foram prestados o máximo de esclarecimentos sobre a questão institucional envolvendo a IEAB e a DAR, e a falta de abertura daquela Província para uma negociação madura, com a insistência – como cortina de fumaça e manobra diversionista – em deslocar a questão para o plano pessoal. O Arcebispo de Cantuária se comprometeu, “*em matéria de urgência*”, em enviar um diplomata de alto nível, esperando que todas as partes estivessem dispostas a colaborar.

Em novembro, depois de uma nota oficial em que denuncia as posições da IEAB, particularmente no tocante ao Recife, e as expressões injuriosas usadas em pronunciamentos públicos por alguns dos seus bispos, a Comissão Executiva do movimento “*Sul Global*”, formado por 15 Províncias Anglicas do Hemisfério Sul (que totaliza 70% dos membros desse ramo do Cristianismo) deliberou não aceitar a presença de representantes da Província do Brasil no “*III Encontro Sul-Sul*”, realizado no Egito, enquanto que o Bispo Diocesano do Recife ali comparecia como convidado oficial, integrando a representação do Cone Sul.

Ainda no mesmo mês o Bispo Diocesano do Recife (juntamente com os reverendos: *Miguel Uchoa* e *Gustavo Castello Branco*) esteve nos Estados Unidos, falou ao Seminário Trinity, em Ambridge, PA (onde o *Rev. Gustavo* está cursando Mestrado), visitou a sede da SAMS-USA e foi, em Pittsburg, um dos oradores do Congresso “*O Futuro do Anglicanismo na América*” (onde foi entusiasticamente ovacionado), promovido pela Rede de Dioceses e Províncias Anglicas nos EUA, com a presença de Primazes de várias Províncias e de representações das chamadas Igrejas Anglicas Continuanes. Os reverendos: *Maurício Coelho*, presidente do Conselho Diocesano, e *Marcus Throup*, reitor do SAT-PE também estiveram em visita aos EUA, sempre recebidos com carinho. Nessa caminhada, comunidades e clérigos ortodoxos, que se desvincularam ou foram desvinculados da ECUSA foram, em status de excepcionalidade, recebidos em nossa Diocese, vindo a se constituir o Arcediado dos EUA, sob a liderança do Venerável Arcediado *Rev. Duncan Clark*.

Durante aquele ano, a Diocese do Recife recebeu a visita de várias personalidades do mundo Anglicano, como o *Rev. Dr. Peter Moore*, o *Rev. Cônego Bill Attwood* (Ekklesia), o *Rev. Cônego Chris Sugden* (Anglican Mainstream), o *Bispo Peter Beckwith* e clérigos da nova Diocese Companheira de Springfield, além de clérigos do Chile, da Argentina, dos EUA e da Inglaterra, que aqui compareceram à Conferência “*Crescendo Juntos*”, na Paróquia Anglicana do Espírito Santo, em Jaboatão dos Guararapes-PE (comunidade que viria a receber, ao nível nacional e internacional, o prêmio “*Igreja Saudável*” outorgado pelo Movimento Igrejas com Propósito).

O XXV Concílio Diocesano foi realizado normalmente, no início de dezembro, na Paróquia Anglicana Emanuel, em Olinda-PE, em clima de alegria, com a elevação da Paróquia Anglicana do Bom Samaritano (*Revmo. Manuel Moraes* – Deão) ao status de Igreja-Catedral, e o registro – surpreendente para um ano de crise – de um crescimento de 25% em nossa membresia, além da Ordenação de novos Presbíteros e Diáconos.

A unidade e o denodado esforço dos Arcediagos, dos membros do Conselho Diocesano, do Secretariado, dos membros das Juntas e Comissões, e de todo o clero e povo, sólidos em convicções bíblicas, históricas e reformadas, honrando a memória dos pioneiros do Anglicanismo no Brasil – como os Bispos: *Kinsolving* e *Thomas* – consciente da gravidade da crise por que passa a Civilização, o Cristianismo e o ramo a que pertencemos, tem sido fundamental para a sobrevivência, a consolidação e a expansão da Diocese Anglicana do Recife, como representativa neste país da face sadia e majoritária da Comunhão Anglicana.

Oramos pelas lideranças de outras denominações cristãs que ainda não despertaram, ou estão acomodadas ou amedrontadas diante da aparente força do “*espírito do século*”, que, como os “*espíritos*” dos outros séculos já estão derrotados na cruz.

No dia 20 de maio de 2006, a Diocese do Recife, em Culto de Ação de Graças, tendo como pregador o *Revmo. Bispo Donald Harvey*, Moderador da Rede Anglicana do Canadá, e

representante pessoal e oficial do nosso Primaz *Revmo. Gregory J. Venables*, comemora os 30 anos de sua Organização Eclesiástica.

“Até aqui nos ajudou o Senhor”. Ainda há muito que se fazer **no, com e pelo Reino de Deus** nessa região, e além dela. Resta-nos prosseguir, na dependência d’Ele, que ordena aos nossos líderes: *“Diga ao Povo que Marche!”*. (conclui).

(Compilação Histórica: ***Revmo. Dom Robinson Cavalcanti***)